

GULLO, Marcelo. A insubordinação fundadora. Breve história da construção do poder pelas nações. Florianópolis: Insular, 2014. ISBN:

978-85-7474-785-9.

Fernando Roberto de Freitas Almeida

“Propomo-nos a estudar, histórica e analiticamente, a partir da periferia, as relações internacionais”. Esta frase, direta e objetiva como o é toda a obra do professor Marcelo Gullo¹, abre o segundo parágrafo da Introdução de seu livro “*A Insubordinação Fundadora. Breve histórico da construção do poder pelas nações*”², lançado em 2008 na Argentina, a seguir, em 2012, na Itália e, agora, no Brasil, com tradução de Renato Tapado e prefácio de Hélio Jaguaribe. A edição é da Editora Insular, de Florianópolis.

O professor Gullo é autor de sólida construção intelectual, apresentada em dez livros: *Argentina-Brasil: La gran oportunidad* (já lançado no Brasil), *La Insubordinación Fundante: Breve historia de la construcción del poder de las naciones*, *Le Temps des États Continentaux? Les Nations face à la Mondialisation: Situation des Pays Latino-Américains*, *Insubordinación y Desarrollo: Las claves del éxito e el fracaso de las naciones*, *La Costruzione del Potere. Storia della Nazione dalla Prima Globalizzazione all’Imperialismo Statunitense*, *La História Oculta: La lucha del Pueblo argentino por su independencia de império inglês*,

Conversaciones con Alberto Methol Ferré, Haya de La Torre: La lucha por la Patria Grande. Seu livro “*Insubordinação e Desenvolvimento: As chaves do sucesso e do fracasso das nações*”, com prefácio de Aldo Ferrer, está em fase de preparo para o lançamento no Brasil. Nele, com a mesma metodologia, outros países são analisados.

Em 2008, *A Insubordinação Fundadora* ganhou o Prêmio Oesterheld, o mesmo que foi, em 2012, outorgado à presidente Cristina Kirchner, por seu “êxito na condução do projeto nacional e popular”. Naquele mesmo ano, cabe registrar que o governo venezuelano o considerou o marco teórico de sua política externa, atestando a importância da obra, como uma referência antissistêmica.

Definindo-se como um realista nos moldes de Hans Morgenthau e Raymond Aron, o autor cita frases do economista alemão Georg Friederich List (1789-1846), heterodoxo de grande influência sobre o caminho escolhido pela Alemanha no século XIX e que a levou ao Império e à disputa pela hegemonia no sistema internacional, contrapondo-se com sucesso ao Liberalismo anglo-saxão.

O ideário de List, embora se assemelhe em grande medida ao que foi posto em prática pela Comissão Econômica para a América Latina, Cepal, a partir de 1949, com os conceitos de protecionismo educador e de indução estatal para o desenvolvimento, de fato, não consta das referências usualmente feitas pelos analistas cepalinos. Do mesmo modo, a percepção de que os países hoje desenvolvidos atingiram seu atual *status* a partir do

¹ Marcelo Gullo é graduado em Estudos Internacionais na Escola Diplomática de Madri e mestre em Relações Internacionais no *Institut Universitaire de Hautes Etudes Internationales*, em Genebra. Foi professor da Universidade Nacional de San Marcos e da *Pontificia Universidad Católica*, em Lima. Atualmente é professor da Universidade Lanús e da Escola Superior de Guerra da Argentina.

² Tradução de Renato Tapado. Florianópolis: Insular, 2014, 200 p.

emprego daqueles artifícios, de proteção alfandegária e orientação estatal, e logo trataram de bloquear a mesma trajetória a eventuais novos concorrentes, é de List. “Chutar a escada” é frase de List, citada pelo professor Gullo.

Atualmente, outro autor preocupado e dedicado a esse mesmo tema é o economista coreano Ha-Joon Chang, professor de Cambridge, responsável por obra de objetivo assemelhado, ao do professor Gullo (mas menos abrangente) também credora de List e, do mesmo modo, elogiosa da análise e das ações adotadas pelo primeiro secretário do Tesouro do governo dos EUA, Alexander Hamilton (1757-1804). O livro mais conhecido do professor Chang se chama, justamente, “Chutando a Escada”.

O texto de Hamilton, “Relatório sobre as Manufaturas”, foi um trabalho notável, arquivado pelo Congresso americano e que contrariava a orientação sugerida aos EUA por Adam Smith, apontando para o futuro de uma economia industrial nas ex-colônias inglesas. A tarifa protecionista de 1789, bem como a refutação da orientação liberal inglesa, são os marcos iniciais do crescimento estadunidense, que, afinal, levou ao confronto de dois projetos civilizatórios internamente estabelecidos, na Guerra de Secessão (1861-1865): um escravista-liberal-agrário exportador, no Sul, e outro, de trabalho assalariado-protecionista-industrializante, no Norte.

Aliás, List, em seu livro fundamental, “*O Sistema Nacional de Economia Política*”, de 1841, analisava dez povos (não países, pois viveu num mundo em que os Estados nacionais, à feição do Tratado de Vestfália, de 1648, estavam constituídos apenas na Europa e nas Américas): os portugueses e espanhóis, franceses, italianos, russos, germânicos, hanseáticos, ingleses, holandeses e americanos, vale dizer, estadunidenses. Para esses últimos, List dedicou sua maior admiração, levando em conta critérios semelhantes ao do professor Gullo, para afirmar, com total acerto que, nas décadas seguintes, os EUA se tornariam uma grande potência. Hoje, poderia ser colocado

ao lado de economistas institucionalistas, em especial de Ha-Joon Chang. O nacionalismo econômico e a adequação das instituições a um projeto de desenvolvimento autônomo são um ponto em comum.

O americano Hamilton, influenciador de List, também é para o professor Gullo um personagem essencial, que exemplifica e justifica a força de seu conjunto de categorias analíticas de grande relevância. São elas:

- a) O conceito de limiar de poder, o nível mínimo de que um país deve dispor para participar do centro do sistema internacional. Nesse tema, pode-se lembrar que, no século XX, de 1901 a 1982, o Brasil foi o país de maior crescimento econômico do mundo, mas encerrou o século como o terceiro, atrás do Japão e da Coreia do Sul (que se tornou o único país do mundo a sair dos limites do subdesenvolvimento e alcançar a posição de desenvolvido, nos anos finais do período). Essa queda se deveu justamente ao fato de o país ter experimentado acentuado crescimento ao aderir a um projeto de crescimento induzido pelo Estado após os anos 30. Ao abandonar esse projeto, após as crises dos anos 70 e 80, e com o neoliberalismo dos anos 90, durante o interregno 1982-2000, seu crescimento caiu à 93ª posição mundial. Na análise de outro economista, este brasileiro, o professor Reinaldo Gonçalves, da UFRJ, o Brasil detém o quinto maior poder potencial mundial, mas suas vulnerabilidades que, apesar dos avanços recentes, persistem, situam-no como o primeiro em termos de hiato de crescimento, ou seja, aquele que tem mais a avançar para realizar todo o seu vasto potencial. As análises de Gullo, dos autores aqui citados, e do prefaciador de seu livro, Hélio Jaguaribe, são importante ferramenta de análise do problema;

b) O conceito de estrutura hegemônica, em que discute a forma como a Inglaterra, ao evoluir para uma sociedade industrial, em razão das ações de sucessivos governantes protecionistas e criativos na questão da captação de propriedade intelectual de origem estrangeira (por mecanismos diversos, violentos até, e hoje proibidos) atingiu a hegemonia no mundo capitalista que ela mesma ajudou a moldar. Como analisou Giovanni Arrighi (*"O Longo Século XX"*), o capitalismo, após o período de influência das cidades-Estado italianas, em especial Gênova e Veneza, conheceu três *hegemonias*, Holanda, Inglaterra e EUA. Os dois últimos foram, aos poucos, embora sendo protecionistas e agressivos comercialmente, propagando aos demais participantes do sistema sua visão de um mundo liberal, em que tratados de livre comércio seriam o caminho correto para o desenvolvimento econômico. Com o tempo, passaram a ser denominados como "tratados desiguais" e os de 1809 e 1810 (*Aliança e Amizade e Comércio e Navegação*) assinados entre o governo de Londres e o do Império Português, sediado no Rio de Janeiro, tornaram-se paradigmáticos. A destruição da manufatura portuguesa, por exemplo, derivada do célebre Tratado de Methuen, de 1703, é episódio de grande relevância, que acarretou, décadas depois, a ordem de banimento das manufaturas brasileiras, mas não foi considerada importante por Adam Smith que, de fato, inverteu a análise, considerando que o referido Tratado havia sido prejudicial aos ingleses;

c) O conceito de subordinação ideológica, em que se desenvolve o raciocínio justamente de como se fez a captura de corações e mentes das elites das periferias, para que participassem de um conluio de dependência dos principais centros decisórios mundiais do capitalismo, localizados nos

EUA e na Europa. Para isso, o *mainstream* da Economia, a cosmopolita Escola Liberal anglo-saxã foi o instrumento mais apropriado, claro que ao lado de toda uma estrutura de poder bruto, usada de modo bastante eficiente em todo o mundo;

d) O conceito de insubordinação fundadora, que dá nome ao livro, é fundamental para que se entendam aqueles momentos em que países conseguem articular suas forças produtivas, sob orientação de um Estado preocupado com a soberania, com um controle nacional dos recursos naturais e com o bem estar futuro de suas populações, a partir de um projeto industrializante. Gullo apresenta com cuidado os casos dos que começaram o processo hoje denominado como "globalização", os portugueses e os espanhóis, passando sucessivamente, em sua visão de longo prazo, pelos casos da Grã-Bretanha, EUA, Alemanha, Japão e China, encerrando com observações sobre "a América do Sul entre o retrocesso e o desenvolvimento".

A respeito dos países do Extremo Oriente, sua análise se aproxima das de Andre Gunder Frank e, de novo, de Giovanni Arrighi (*"Adam Smith em Pequim"*) ao mostrar como a aspiração a um novo protagonismo pela China precisa ser vista dentro de uma lógica secular, de reocupação de espaços perdidos, com o Estado administrando metodicamente a "globalização", em conformidade com a pesquisa de Yunxiang Yan (*"O Poder do Estado e a Transição Cultural na China"*)³.

A tese central do livro aqui comentado é a de que apenas a insubordinação ideológica, associada ao impulso estatal, poderá levar um país a romper com as relações de

³In BERGER, Peter L. e HUNTINGTON, Samuel P. *Muitas Globalizações. Diversidade Cultural no Mundo Contemporâneo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004,

dependência mantidas com o centro do sistema e a promover um círculo virtuoso da riqueza para seu povo.

Um corolário importante, para a América Latina é que seus países só poderão sair da periferia juntos. A fuga dos “quinhentos anos de periferia”, usando o título do livro do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, deverá ocorrer de modo o mais coordenado possível. Como já escreveu em outra obra o professor Hélio Jaguaribe, prefaciador do livro, o tempo impõe limites ao sucesso da empreitada. Se antes se achava que o limite seria o ano 2020, sua proximidade, bem como o fato de os governantes neoliberais dos anos 90 na América do Sul terem sido, em grande medida, sucedidos por governos neodesenvolvimentistas, deram-nos mais tempo. No entanto, há enorme pressão externa, não apenas dos EUA que, embora ainda afetados pelos efeitos da grande crise lá iniciada em 2008, ensaiam novas ações agressivas, voltando a ser autossuficientes em petróleo, mas também da China, que procura controlar a infraestrutura de países produtores de matérias-primas e disseminar o uso de sua moeda nas trocas internacionais (tendo já conseguido tornar-se o maior comprador de vários países sul-americanos).

As eleições realizadas recentemente em países sul americanos, como a Bolívia, Uruguai e, em especial, o Brasil, cuja economia nunca esteve em posição tão privilegiada frente aos vizinhos, garantem por mais um tempo a lógica neodesenvolvimentista na região. Sujeita a contestações nos organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio, e a pressões fortíssimas de elites locais descontentes com a diminuição do controle sobre mecanismos que favoreciam a acumulação de poder e riqueza nas mãos de poucos, essa lógica necessita de maior discussão junto à sociedade. Acadêmicos, professores e estudantes, os militares, os políticos e os sindicalistas, além de setores do serviço público, parecem ser os atores sociais aos quais o conhecimento de livros como esse mais renderia frutos. Uma insubordinação fundadora será desenvolvida a partir das discussões entre esses grupos.

No caso brasileiro, mesmo entidades representativas dos setores empresariais, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, apesar de sua relação estreita com interesses ligados ao mundo globalizado, eventualmente também manifestam opiniões de apoio a aspectos dessa lógica. Assim, puderam-se estancar as negociações da Área de Livre Comércio das Américas, a Alca, assim se conseguiu que o Congresso brasileiro aprovasse a entrada da Venezuela no Mercosul e, assim, viu-se a Fiesp apoiar a construção, por grandes empresas brasileiras, de um porto em Cuba, com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, um dos maiores bancos mundiais de fomento.

Claro que todos os países sul-americanos precisam ter em mente os ganhos com uma aproximação que lhes traga benefícios palpáveis. Pouco ou nada adiantariam processos de integração em que matérias primas dos países menos desenvolvidos do continente, ao invés de serem vendidas a europeus, americanos e chineses, fossem destinadas meramente ao processamento nas regiões de São Paulo ou Buenos Aires.

Como escreveu o autor:

Passando, então, do campo teoria ao campo da doutrina, nosso objetivo será centrado no que fazer, no que deveriam fazer a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Chile, o Peru e o resto dos países que integram a América do Sul nas novas condições do cenário internacional para superar suas respectivas condições periféricas. Esta superação permitiria, entre outras coisas, liberar milhões de crianças das villas miséria, das favelas, dos cantegriles uruguaios, dos pueblos jóvenes do Peru do flagelo da pobreza extrema, da violência e da droga, e incorporar estrutural e não circunstancialmente as grandes massas de desempregados ou subempregados que povoam as periferias das grandes cidades da América do Sul ao processo

econômico mediante o aumento de sua capacidade produtiva... (op cit. pág. 20)

Voltando ao início do texto, segundo o professor Gullo, "trata-se, então, de pensar a partir da periferia, para sair da periferia" (idem, pág. 20).